

Pau-Brasil de Oswald de Andrade: a descoberta e a colonização do País

Cláudia Mentz Martins

RESUMO: *Quelques-uns des poèmes les plus connus d'Oswald de Andrade se trouvent dans Pau-Brasil. Avec ce livre, publié en 1925, l'intention manifeste de l'auteur est de montrer la possibilité de création d'une nouvelle poésie brésilienne. De manière générale, la citation des poèmes ne tient pas compte du fait que l'ouvrage est organisé en parties à la fois indépendantes et liées entre elles, entraînant une perte du sens de chacun des poèmes. Le présent essai cherche à analyser les poèmes issus de Descoberta do Brasil [Découverte du Brésil] et de Poemas da Colonização [Poèmes de la Colonisation], deux des parties de Pau-Brasil. Non seulement le travail met en évidence les ruptures esthétiques de l'auteur, mais en plus il reprend les liens existants entre les poèmes qui les intègrent et qui racontent deux moments de l'histoire brésilienne: la découverte et la colonisation.*

PALAVRAS-CHAVE: *Oswald de Andrade, Pau-Brasil, História, Poesia brasileira*

José Oswald de Sousa Andrade (São Paulo/SP, 1890 - São Paulo/SP, 1954), um dos intelectuais mais significativos da primeira metade do século XX, tornou-se conhecido do grande público por volta de 1920 ao colaborar em diversos periódicos, ter seus primeiros escritos publicados¹ e, sobretudo,

Cláudia Mentz Martins é Professora Colaboradora Convidada no PPG-Letras da UFRGS e Bolsista CAPES/ PRODOC.

¹Em 1916, Oswald de Andrade publicou, em *A cigarra*, o primeiro ato da peça *Mon coeur balance*, escrita em parceria com Guilherme de Almeida. Esse também foi seu companheiro na redação de *Leur âme*, reproduzida parcialmente na revista *A vida moderna*, em maio e dezembro. Ambas as peças integraram o volume *Théâtre brésilien*, editado pela Typographie Ashbahr durante o primeiro semestre. De agosto a dezembro, são publicados, em *A cigarra*, *O pirralho* e *A vida moderna*, trechos de *Memórias sentimentais de João Miramar*. Nessa época, escreve o drama *O filho do sonho*. Em 1919, divulga mais três capítulos de *Memórias sentimentais de João Miramar*, na revista dos estudantes da Faculdade de Direito, *Onze de agosto*. No diário *Correio paulistano*, publica entre abril e maio trechos de *A trilogia do exílio II e III*.

ao ser um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, da qual participou ativamente. Com a obra *Memórias sentimentais de João Miramar*, em 192, teve o reconhecimento de que sua produção literária se propunha a romper com o cânone. Em 18 de março do mesmo ano, publicou, no *Correio da manhã*, o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” onde explicitava algumas propostas que visavam não apenas a reformulação da literatura brasileira, mas de toda a cultura nacional, servindo seus aforismos para a concepção do livro de poemas *Pau-Brasil*, editado pela primeira vez em Paris em 1925. No volume consta um prefácio de Paulo Prado intitulado “Poesia Pau-Brasil”, que é datado do ano anterior, e as ilustrações são de Tarsila do Amaral.

É interessante observar alguns comentários de Paulo Prado encontrados no prefácio referido para que se perceba o significado do surgimento desse livro. Diz ele que a poesia ‘pau-brasil’ é o ovo de Colombo; é, entre nós, o primeiro esforço organizado para a libertação do verso brasileiro; e Esperemos também que a poesia ‘pau-brasil’ extermine de vez com um dos grandes males da raça — o mal da eloqüência balofa e roçagalante. (PRADO, 2003, p. 5, 8, 10).²

Para uma melhor compreensão de como se deu a concepção dos poemas integrantes de *Pau-Brasil*, é necessária a retomada de pelo menos algumas das propostas expressas ao longo do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, entre eles:

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.

.....
O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. O Império foi assim. Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho.

A nunca exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

.....
A Poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem.

.....
Ágil o teatro, filho do saltimbanco. Ágil e ilógico. Ágil o romance,

² Destaca-se que o exemplar de *Pau Brasil* utilizado integra a *Caixa Modernista* organizada por Jorge Schwartz.

nascido da invenção. Ágil a poesia.

A poesia Pau-Brasil. Ágil e cândida. Como uma criança.

.....
A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

.....
Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros.

.....
Uma única luta – a luta pelo caminho. Dividamos: Poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação.

.....
O trabalho contra o detalhe naturalista – pela *síntese*; contra a morbidez romântica – pelo *equilíbrio* geométrico e pelo *acabamento* técnico; contra a cópia, pela *invenção* e pela *surpresa*.

.....
Uma nova perspectiva.

.....
O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica. (ANDRADE, 1995, p. 41-45)

Muitos dos poemas oswaldianos utilizados nas antologias e nos estudos escolares pertencem ao livro *Pau-Brasil*, todavia a citação deles, via-de-regra, desconsidera completamente a obra onde estão inseridos e o vínculo que os poemas estabelecem entre si, tratando-os isoladamente, o que faz com que se perca parte de seus significados. É pois com o intuito de recuperar e de lembrar esse aspecto, que se propõe este texto.

A estrutura de *Pau-Brasil* é um importante item a ser observado. Nove são as seções que compõem o livro: *História do Brasil, Poemas da colonização, São Martinho, RP1, Carnaval, Secretário dos Amantes, Postes da Light, Roteiro das Minas, Loyde brasileiro*, estando todas aparentemente separadas entre si, enquanto na verdade estabelecem um vínculo. A proposta do poeta é recuperar a história do Brasil, desde o seu momento mais remoto, isto é, desde a sua descoberta oficial pelos portugueses até o momento contemporâneo, centrando sua atenção na cidade de São Paulo.

Considerando a extensão da obra e a longa interpretação que suscitaria, apenas as duas primeiras partes serão focalizadas aqui: *História do Brasil* e *Poemas da colonização*. Os poemas, que as integram, apresentam uma estrutura, uma concepção e uma abordagem histórica diferentes daquelas habitualmente encontradas na época da sua escritura.

A seção intitulada *História do Brasil* é subdividida em oito séries que, por sua vez, apresentam um número variado de poemas. Deste modo, tem-

se “Pero Vaz Caminha”: ‘A descoberta’, ‘Os selvagens’, ‘Primeiro chá’, ‘As meninas da gare’, ‘Gandavo’: ‘Hospedagem’, ‘Chorografia’, ‘Salubridade’, ‘Sistema hidrográfico’, ‘Pais do ouro’, ‘Natureza morta’, ‘Riquezas Naturais’, ‘Festa da raça’; “O capuchinho Claude d’Abbeville”: ‘A moda’, ‘Cá e lá’, ‘O país’; “Frei Vicente do Salvador”: ‘Paisagem’, ‘As aves’, ‘Amor de inimiga’, ‘Prosperidade de São Paulo’; “Fernão Dias Paes”: ‘Cartas’; “Frei Manoel Calado”: ‘Civilização pernambucana’; “J.M.P.S” (da cidade do Porto): ‘Vício na fala’; “Príncipe Dom Pedro”: ‘Carta ao patriarca’.

Observa-se que todas as divisões dessa parte têm por título nome de homens, precisamente, de figuras históricas, sobretudo, cronistas, que estiveram pelas terras brasileiras nos primeiros tempos. A apropriação dos textos desses cronistas possibilita a Oswald a realização de paródias. Um exemplo está nos poemas que pertencem à série “Pero Vaz Caminha” que parodia a carta que o escrivão Pero Vaz de Caminha³ enviou ao rei português D. Manuel. As comparações que seguem abaixo, ilustram o expresso. No poema oswaldiano, em ‘A descoberta’, lê-se:

Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava da Paschoa
Topamos aves
E houve vista de terra
(ANDRADE, 2003, p. 25)

na *Carta* de Caminha:

Então seguimos nosso caminho, por esse mar de longo, até terça-feira de Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, quando topamos alguns sinais de terra [...] os sinais eram: muita quantidade de ervas compridas, [...] topamos aves [...] e neste dia, a hora de véspera, avistamos terra, [...] (CAMINHA, 1998, p. 7-8)

no poema, em ‘As meninas da gare’

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabellos mui pretos pelas espádoas
E suas vergonhas tão altas et tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos

³ Pero Vaz de Caminha (Porto/Portugal, 1450 – Calicut/ Índia, 1501) integrou a frota de Pedro Álvares Cabral e relatou ao rei D. Manuel, em carta, a chegada à terra brasileira. Em 1817, o texto da carta foi divulgado na *Corografia Brasileira*, do Pe. Aires de Casal. (FLORES, 2001, p. 125.)

Não tínhamos nenhuma vergonha
(ANDRADE, 2003, p. 26)

na *Carta*:

Ali andavam, entre eles, três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, caídos pelas espáduas abaixo; e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que de as olharmos muito bem não tínhamos nenhuma vergonha. (CAMINHA, 1998, p. 21-22)

No último exemplo, não se pode deixar de notar que o poeta brinca com o fato histórico propriamente dito. As índias que estavam na beira da praia vendo os navegadores chegarem são transformadas e/ou assemelhadas às meninas que ficam numa plataforma de estação a ver os passageiros que por ali transitam, destacando o teor sexual que já existe na Carta. Ou seja, marca-se a exploração da mulher, implícita, no texto de 1500, e explícita, no de 1925.

O tom humorístico presente no título é percebido pela supressão da preposição ‘de’ que integra o sobrenome do escrivão. A ausência dessa preposição acaba por aludir ao percurso, à viagem, que o escrivão português fez ao lado de Pedro Álvares Cabral e que resultou na Carta escrita ao monarca lusitano.

De Pero de Magalhães Gândavo⁴, que nomeia a seção seguinte, são utilizados trechos de *Histórias da Província de Santa Cruz* de 1576. Trata-se dessa da primeira obra que circulou em Portugal com informações sobre a nova colônia. Um dos fragmentos parodiados por Oswald diz respeito à propaganda da colonização, transcrevendo quase literalmente o texto do português: *porque a mesma terra he tal, / e tam favoravel aos que a vam buscar, / que a todos agazalha e convida.* (ANDRADE, 2003, p. 26)

A diferença entre eles está em, na *História*, o trecho pertencer ao “prólogo ao leitor” e explicar a importância e necessidade da obra para aqueles que querem obter informações da nova terra. No livro oswaldiano, é precedido pelo título ‘Hospedagem’, o que desperta a vontade do homem de viver bem no novo ambiente. A ausência do objeto direto ‘a’ exigida pelo verbo ‘buscar’ abre espaço para interpretação de que as coisas, que se encontram na Província de Santa Cruz, podem ser levadas pelos indivíduos

⁴Pero de Magalhães Gândavo (Braga/Portugal, ? – Portugal, ?), em 1576, dedicou a Luís Vaz de Camões, o texto *História da província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*, em 1826, foi publicado *Tratado da terra do Brasil*. (FLORES, 2001, p.275)

que tomam contato com ela. A seqüência de imagens e informações sobre as belezas e grandiloqüência desta terra são mais um estímulo para os homens usufruírem desse espaço, como no poema seguinte:

Systema hydrographico

As fontes que há na terra sam infinitas
Cujas aguas fazem crescer a muytos e muy grandes rios
Que por esta costa
Assi da banda do Norte como do Oriente
Entram no mar oceano
(ANDRADE, 2003, p. 27)

O capuchinho Claude d'Abbeville⁵ é talvez um dos cronistas citados menos conhecido do grande público. Oswald deixa por um momento os textos portugueses e utiliza fragmentos da obra francesa *Histoire de la mission des peres capucins en l'Isle de Maragnan et terre circonvoisines*. Tal como fez com o discurso dos outros cronistas, Oswald se apropria do d'Abbeville, escrevendo os poemas em francês antigo, mas colocando seus títulos – 'A moda', 'Cá e lá', 'O país' — em português moderno. A temática é o ponto que difere esses poemas dos outros. Ela consiste em, por exemplo, mencionar as índias nuas de forma neutra, ou seja, não as considerando melhores ou piores do que as francesas:

Cá e lá

Cette coustume de marche nud
Est merueilleusement difforme et deshonneste
N'estant peut ester si dangereuse
Ni si attrayante
Que les nouvelles inventions
Des dames de pardeça
Qui ruinent plus d'âmes
Que ne le font les filles indiennes
(ANDRADE, 2003, p. 29-30)

⁵Claude d'Abbeville (Abbeville, Picardia/França, ? – Ruão/França, 1632), como missionário, trabalhou durante quatro meses na colônia francesa do Maranhão, em 1612. Enviou cartas a parentes que, em 1614, foram publicadas em Paris. Em 1632, veio à lume o livro *Histoire de la mission des peres capucins en l'Isle de Maragnan et terre circonvoisines*, que foi traduzida para o português, em 1874, com o título *História da Missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão*. (FLORES, 2001, p. 7)

Quanta à descrição da terra, não há o tom de relatório, porém, ocorre um acréscimo de lirismo, como se nota nos seguintes versos de 'O país': *et en bonté/des eaux vives et très claires rejaillissent dicelle/ et ruissellent dedans la mer*. (ANDRADE, 2003, p. 30)

A seção seguinte tem por título o nome do primeiro historiador brasileiro, Frei Vicente de Salvador⁶, e os trechos utilizados pertencem à *História do Brasil*, de 1627. É perceptível a parcimônia do humor corrosivo de Oswald. A razão disso talvez se encontre no fato de o frade franciscano apresentar um genuíno amor pelo Brasil, e o poeta achar importante trazer para a modernidade esse sentimento. Nos dois primeiros poemas 'Paisagem' e 'As aves', existe um lirismo acentuado que, de certo modo, já existe no texto original. Tem-se em 'Paisagem': *Cultivam-se palmares de cocos grandes / Principalmente à vista do mar*. (ANDRADE, 2003, p. 30)

Já nos poemas seguintes, 'Amor de inimiga' e 'Prosperidade de São Paulo', o olhar se volta para os indígenas, em especial, para seus hábitos e costumes — o que era particularmente interessante aos missionários —, e para a formação dos primeiros núcleos urbanos que surgiram ao redor dos reductos jesuíticos. Nesse último caso, percebe-se a ironia oswaldiana, ao dar conta do desenvolvimento desorganizado de São Paulo em que o arcaico e o moderno convivem:

Ao redor dessa vila
Estão quatro aldeias de gentio amigo
Que os padres da Companhia doutrinaram
Fora outro muito
Que cada dia desce do sertão.
(ANDRADE, 2003, p. 31)

Neste momento, segundo Vera Lúcia de Oliveira, deve-se observar a preocupação do autor em trabalhar com momentos históricos que, apesar de distintos, apresentam similaridades:

a repetição da técnica utilizada em "as meninas da gare" e em outros textos em que o poeta justapõe títulos atuais à narração de seqüências e segmentos da realidade que, em sua essência, continuaram imóveis no tempo. Se, no passado, o encontro/desencontro

⁶Frei Vicente do Salvador (Matuim, Bahia/Brasil, 1564 - ?) foi cônego em Salvador, na Bahia; vigário-geral e governador do bispado. Ente 1603-1606 esteve em missão na Paraíba. Em 1627, escreveu a primeira *História do Brasil*, publicada somente em 1886 e contendo anotações de Capistrano de Abreu. (FLORES, 2001, p. 544)

cultural se verificou entre índios, colonos e jesuítas, hoje ele se dá entre o campo e a cidade, ou entre os autóctones e os imigrantes estrangeiros que a cidade deve absorver, sem perder sua identidade. (OLIVEIRA, 2002, p. 130)

Um trecho de uma missiva enviada pelo bandeirante caçador de esmeraldas Fernão Dias Paes⁷, em 1674, serve de inspiração ao poema 'Carta'. Nos versos, explica-se o que é uma bandeira e o seu objetivo maior, isto é, a obtenção de riquezas e de mão-de-obra indígena, não sendo expresso um tom heróico a essas jornadas ou a seus participantes:

.....
Vossa Senhoria
Deve considerar que este descobrimento
É o de maior consideração
Em razão do muito rendimento
E também das esmeraldas
(ANDRADE, 2003, p. 32)

É da seção "Frei Manoel Calado" o poema, 'Civilização pernambucana', em que Oswald, apropriando-se dos escritos do frei⁸, trata da sociedade latifundiária e patriarcal do Nordeste brasileiro no período colonial. O texto que serve de base intitula-se *Valeroso Lucideno e o triunfo da liberdade*, e o fragmento escolhido para paródia dá destaque aos aspectos fúteis dessa sociedade:

As mulheres andam tão louçãs
E tão custosas que não se contentam com os tafetas
São tantas as jóias com que se adornam
Que parecem chovidas em suas cabeças e gargantas
As pérolas, rubis e diamantes

Tudo são delícias
Não parece esta terra senão um retrato do terreal paraíso.

⁷Fernão Dias Paes (? , 1608 – Sumidouro, Minas Gerais/Brasil, 1681) tem seu sobrenome também grafado Pais. Participou de diversas bandeiras que visavam capturar e escravizar índios. Também dirigiu expedições em busca de pedras preciosas e ouro. Em 1674, já Governador-Geral das Esmeraldas, embrenhou-se com 40 homens brancos nos sertões em busca da Serra das Esmeraldas. Mandou assassinar o filho bastardo que conspirava contra ele e, com o filho legítimo, continuou sua busca até falecer vitimado pela febre. (FLORES, 2001, p. 445)

⁸Frei Manuel Calado (Vila Viçosa/Portugal, 1584 – Lisboa/Portugal, 1654) pregou no Brasil por mais de 30 anos. Engajou-se em grupos guerrilheiros contra os holandeses. Em 1648, publicou *Valeroso Lucideno e triunfo da liberdade*. (FLORES, 2001, p. 118)

(ANDRADE, 2003, p. 32-33)

O naufrago português J.M.P.S.⁹ intitula a penúltima seção, composta de um só poema. Trata-se de um dos mais presentes nos livros escolares — 'Vício na fala':

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados
(ANDRADE, 2003, p. 33)

Nos versos, verifica-se o constante conflito entre o falar lusitano e brasileiro sobre a utilização da língua portuguesa, além das diferentes formas de expressão existentes no Brasil Colônia. Segue-se ainda o sempre lembrado debate sobre a introdução ou não, no texto escrito, da oralidade. Essa discussão implícita é percebida pela presença, no poema, da fala cotidiana, empregada pelas pessoas simples, anônimas e, em grande parte, desconhecidas — tal como J.M.P.S — que vivem no País, em contraposição direta à forma culta empregada pelos bacharéis, intelectuais e freqüentadores do meio acadêmico.

O último poema, 'Carta ao patriarca', integra a última série, "Dom Pedro I", parte de uma missiva que o regente¹⁰ enviou a José Bonifácio de Andrade e Silva, onde comenta a instabilidade do seu governo:

.....
Encumbi ao Miquilina
E ao Major do Regimento dos Pardos
Para virem me dar parte
De tudo que se disser pelos Botequins
Estimarei que approve esta medida

⁹JMPS (? - ?) é um naufrago português praticamente desconhecido. Sobre ele, o romancista português Camilo Castelo Branco escreveu *As regras gerais do Sr J.M.P.S., da cidade do Porto*. (N. A.)

¹⁰D. Pedro I (Quinta Real de Queluz, Lisboa, 1798 – 1834) chegou ao Brasil, com a família real, em 1808. Em 1821, com o retorno de D. João VI a Lisboa, tornou-se Regente. Em 1822, proclamou a Independência do Brasil, sendo aclamado Imperador Constitucional. Em 1831, pressionado por liberais, deixa o trono para seu filho D. Pedro de Alcântara (posteriormente D. Pedro II) e segue para Portugal para lutar contra seu irmão D. Miguel, em defesa do trono de sua filha Maria da Glória. Findo o confronto, em 1834, assume o trono em nome da filha, tornando-se regente em Portugal.

E assento eu melhores
 E mais fieis e adherentes à causa do Brasil
 Do que os Pardos meus amigos
 Ninguém
 (ANDRADE, 2003, p. 34)

Acresce-se, aos conhecidos e referidos problemas do monarca, a crítica oswaldiana percebida na assinatura da carta. No momento em que substitui o nome de Dom Pedro I pelo pronome indefinido 'ninguém', Oswald aponta-o como uma pessoa que se vê com pouca ou nenhuma importância e, portanto, incapaz de governar. A escolha do tema não é, pois, alheia, servindo para a realização da revisão histórica do Brasil.

Toda série está organizada de forma cronológica, isto é, do descobrimento por Pedro Álvares Cabral, passa pelo primeiro período da colonização, pela adaptação dos colonos a nova terra, pelo desenvolvimento do sentimento nativista até alcançar a independência política, em 1822. Ao longo do percurso, a paródia é evidente porque o poeta fala com as palavras de outros, introduzindo uma intenção diversa daquela que essas palavras tinham no seu contexto original.

A segunda seção a ser analisada, *Poemas da colonização*, tem uma organização diferente da anterior. É composta por uma seqüência de quinze poemas, todos intitulados: 'A transação'; 'Fazenda antiga'; 'Negro fugido'; 'O recruta'; 'Caso'; 'O gramático'; 'O medroso'; 'Scena'; 'O capoeira'; 'Medo da senhora'; 'Levante'; 'A roça'; 'Azorrague'; 'Relicário'; 'Senhor feudal'. Esses poemas tratam, na sua maioria, do negro escravo responsável pela economia da colônia.

Nesta seção, diferentemente de *História do descobrimento*, Oswald não se detém a parodiar textos ou a exercitar o fazer literário. Sua preocupação é outra. É, através de uma pesquisa que se propõe histórico-geográfica da sociedade colonial, apontar a hipocrisia, a falsa moral presente na sociedade escravista-patriarcal que se dizia (e acreditava) humanista, enquanto mantinha parte de sua população submissa, amedrontada e insatisfeita. Quatro poemas servem de ilustração:

A transação

O fazendeiro criara filhos
 Escravos escravas
 Nos terreiros de pitangas e jaboticabas
 Mas um dia trocou
 O ouro da carne preta e musculosa
 As gabiobas e os coqueiros

Os monjolos e os bois
 Por terras imaginárias
 Onde nasceria a lavoura verde do café
 (ANDRADE, 2003, p. 37)

Negro fugido

O Jeronymo estava numa outra fazenda
 Socando pilão na cosinha
 Entraram
 Grudaram nelle
 O pilão tombou
 Elle tropeçou
 E cahiu
 Montaram nelle.
 (ANDRADE, 2003, p. 37-38)

O capoeira

— Qué apanhá sordado?
 — O quê?
 — Qué apanhá?
 Pernas e cabeças na calçada.
 (ANDRADE, 2003, p. 39)

Azorrague

— Chega! Peredô!
 Amarrados na escada
 A chibata preparava os cortes
 Para a salmoura
 (ANDRADE, 2003, p. 40-41)

Observa-se que esses poemas são como instantâneos, dando conta da vida real, cotidiana, pouca vezes registrada pelos historiadores e prosadores. São rápidos e vivos momentos a partir dos quais Oswald procura reconstruir a história dos escravos negros. Mostra-os que, além de terem sido mão-de-obra barata aos seus senhores, eram vistos como mercadorias e que sofriam maltratos constantes em diferentes situações. Nenhum desses fatos é inédito ou desconhecido do público leitor, mas sua presença nos versos acima relembra a todos o tratamento dispensado aos homens ne-

gros durante um período da história nacional. Oswald propõe-se também a dar-lhes voz ainda que breve, o que ocorre nos momentos em que insere a oralidade nos versos.

O envolvimento dos senhores com as escravas negras e o conseqüente nascimento de filhos bastardos, frutos dessas relações, são igualmente mencionados nessa parte da obra. 'Medo da senhora' deixa implícito os acontecimentos acima, bem como as reações das esposas traídas, através da ação desesperada da escrava que prefere a fuga intempestiva e a possível morte de sua criança a deixá-la sofrendo na casa-grande:

Medo da Senhora

A escrava pegou a filhinha nascida
Nas costas
E se atirou no Parahyba
Para que a creança não fosse judiada
(ANDRADE, 2003, p. 40)

A abolição da escravatura, um importante assunto durante o período da colonização, aparece em 'Senhor feudal'. Como acontece em vários momentos, a questão não é abordada diretamente, mas a sua presença é inegável quando se considera o contexto em que esse poema aparece, isto é, antes dele, em 'Relicário', é citada a figura do Conde d'Eu, marido da Princesa Isabel — responsável oficial pela libertação dos escravos —, cabendo a 'Senhor Feudal' fechar a parte *Poemas da colonização*:

Senhor feudal

Se Pedro Segundo
Vier aqui
Com historia
Eu boto elle na cadeia
(ANDRADE, 2003, p. 41)

Por ter sido a abolição dos negros um fator decisivo para o término do período colonial e início da República no País, sua menção não se dá à toa. Oswald demonstra ter total domínio da estrutura de seu material quando dispõe cada assunto ao longo dos poemas que escreve de modo não apenas a discorrer a história do Brasil, mas de propor uma reflexão sobre cada episódio significativo que a compõe.

Ainda que não se tenha analisado *Pau-Brasil* na íntegra, nota-se que, nas duas partes aqui discutidas, muito se encontra dos comentários reali-

zados pela crítica literária com relação a esta obra. É possível resgatar a afirmação de Raúl Antelo (1991) que lembra que, em *Pau-Brasil*, o desejo de Oswald é de ter uma liberdade criadora, é poder ter um olhar próprio sobre sua produção. Já Harold de Campos (s.d) destaca que, em *Pau-Brasil*, Oswald apresenta uma sensibilidade primitiva à moda dos cubistas e uma poética da concretude para dar conta da comunicação gerada pela civilização pautada na técnica. Em *Pau-Brasil*, os temas não são exóticos, mas pertencentes ao que considera o 'novo ciclo de disponibilidade órfica'. A linguagem utilizada busca ser natural, firmada pela oralidade e, por isso, possuidora de 'todos os erros'. É a língua falada cotidianamente no Brasil, sem a impressão lusitana ou purista.

Sem dúvida, esses poemas-comprimidos, como os chama Harold de Campos (s.d), exemplificam o olhar crítico que se utiliza de uma seqüência de imagens/peças que aparentemente estão soltas, mas que elaboram uma sintaxe diferente daquela pautada no ordenamento lógico do discurso.

Nas duas partes iniciais de *Pau-Brasil*, *História do descobrimento* e *Poemas da colonização*, observa-se que a poesia 'pau-brasil', de acordo com o proposto no manifesto de mesmo nome, não se trata de mera destruição, mas que essa leva a uma construção, num movimento pendular. É uma construção firmada nas palavras em liberdade — que reorganiza elementos desierarquizados — possibilitada por um período de destruição revolucionária — que agiu de forma desacralizante. (Cf. OLIVEIRA, 2002)

Em *Pau-Brasil*, está explícito o projeto oswaldiano de retornar ao passado com o propósito de fazer uma revisão histórica, levando em conta o maior grau de consciência no século XX. Para elaborar o que chama de poesia de exportação, no "Manifesto da Poesia Pau-Brasil", utiliza o pau-brasil, símbolo da colonização, a primeira riqueza de exportação nacional e da qual deriva o nome do País.

Como lembra Vera Lúcia de Oliveira (2002), a poesia 'pau-brasil' ajuda a resgatar uma identidade perdida ao longo do processo de colonização. É uma tentativa de recuperar a originalidade, a alegria, a criatividade sufocada pela dominação imposta aos moradores desta terra e caracterizada, principalmente, pela proposta de formação uma mentalidade servil a abranger todos os aspectos vida nacional, incluindo aí o artístico-literário.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, Oswald. Pau-Brasil. In: SHWARTZ, Jorge (Org.). *Caixa Modernista*. São Paulo: Edusp/Editora UFMG/Imprensa Oficial, 2003.

- ____. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. In: _____. *Utopia antropofágica*. 2.ed. São Paulo: Globo, 1995. p. 41-45.
- ANTELO, Raúl. Prefácio. In: ANDRADE, Oswald. *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo, 2005.
- FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. 2.ed. rev.amp. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- OLIVEIRA, Vera Lúcia de. Oswald de Andrade: história, anti-história, uma releitura do passado. In: _____. *Poesia, mito e história no Modernismo brasileiro*. São Paulo: UNESP; Blumenau, SC: Edifurb, 2002.
- CAMPOS, Harold de. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [s.d]. p. 9-59. (Obras completas VII)

Um parlamento em ritmo senador: João Cabral satírico e macabro

Homero Vizeu Araújo

RESUMO: Analyse de Congresso no Polígono das Secas, première partie du poème intitulé Dois parlamentos, de João Cabral de Melo Neto, avec l'accent sur les effets ironiques, satiriques et macabres atteints par l'auteur lorsqu'il adopte un point de vue élitiste (rythme sénateur, accent « du sud ») et nauséeux pour énoncer et examiner la misère rurale du Nord-Est brésilien.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto, poesia, humor macabro, sátira, literatura brasileira, Nordeste, Polígono das Secas, Dante Alighieri, T. S. Eliot, Waste Land.

The country of the Houyhnhnms

Para falar dos *Yahoos*, se necessita
que as palavras funcionem de pedra:
se pronunciadas, que se pronunciem
com a boca para pronunciar pedras.
E que a frase se arme do perfurante
que têm no Pajeú as facas-de-ponta:
faca sem dois gumes e contudo ambígua,
por não se ver onde nela não é ponta.

2

Ou para quando falarem dos *Yahoos*:
furtar-se a ouvir falar, no mínimo;

Homero Vizeu Araújo é Professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul